

“Não sou nada se faço o projeto de escola numa direção diferente à libertação e salvação de meu povo”

**Entrevista a Bernardo Alves, coordenador do WOMUPE
- Organização dos professores indígenas Sateré-Mawé
dos rios Marau e Urupadi -**



*Arizete Denelly C.S.A. e Fernando López S.J. **

Dados pessoais de Bernardo Alves

Tem 34 anos e pertence ao clã Moi (Cobra) do povo Mawé. Mora na comunidade de Terra Nova (Yi Pakup) com sua esposa Cristina e seus 5 filhos; Cristina também é professora na comunidade. Bernardo trabalhou 9 anos em sala de aula. Desde 1996 é coordenador das escolas Sateré-Mawé dos rios Marau e Urupadi. Esta região é formada por 28 comunidades, 29 escolas, 51 professores indígenas que têm a seu cargo um total de 949 alunos. Atualmente Bernardo é o coordenador do WOMUPE, Organização dos Professores Indígenas dos rios Marau e Urupadi.

Bernardo, conte-nos um pouco da história do início da escola entre os Mawé.

O “enxerto” da escola aconteceu por volta de 1912 a 1918. Segundo a experiência dos mais idosos, falam em seus depoimentos que a escola foi aceita com uma esperança de melhoria de vida. Acreditavam que a mesma daria um amplo estímulo de realização das coisas de nosso mundo. Ninguém esperava da escola a limitação de idéias. Porém, a escola se apresentou para nós como se fosse Deus: todo o tempo pensou em nos ensinar a viver, a cantar, a sorrir, a ser uma coisa que não podemos ser. Como se nós Mawé não possuíssemos “escola” no verdadeiro sentido da palavra. A “escola” nossa, que era muito rica, foi substituída por uma escola que provocou em nós desunião, desespero e escuridão. Quando eu comecei a freqüentar a escola encontrei um professor que pegava um livro e reproduzia a escrita no quadro de giz, todos copiávamos. Quando alguém escrevia alguma coisa fora do livro o professor não conseguia administrar sua aula. As primeiras escolhinhas foram fundadas pelos padres e outras pelos políticos do grupo Michiles. Por muito tempo os trabalhos de escola foram incentivados pelos padres e freiras. Em algumas escolas houve a presença de professores não índios. Por volta dos anos '70 foram indicados, pelos padres e freiras, alguns professores Mawé para assumir sala de aula. Alguns professores receberam em troca das aulas ranchos dados pelos missionários. Em 1973-1974, com a presença da FUNAI no Marau, os professores foram contratados pela prefeitura de Maués. A má remuneração dificultou o incentivo pelo trabalho escolar entre os Mawé. Por isso muitos deixaram de lecionar e outros permanecem até agora.

Qual é a história do novo processo educacional.

Em 1986 terminei meu curso de agrozootecnia antecipada na Escola Agrícola Rainha dos Apóstolos em Manaus. No '87 passei a assumir uma sala de aula na comunidade Vila Nova II do Marau. Fiquei 3 anos durante os quais eu pregava dizendo que as escolas deviam trabalhar a língua Sateré-Mawé. Com outros colegas comecei a questionar a escola dizendo que todas as nações no mundo estudam em suas línguas. Fui acusado de querer romper a convivência política da sociedade Mawé com a sociedade não índia. Fui duramente julgado e expulso da comunidade no final de 1989. Entre os anos '90 e '91, fundei uma escolinha para dar continuidade ao trabalho educacional iniciado com essa nova orientação. Fiquei desenvolvendo as práticas agrícolas com meus alunos. Durante o ano do '91 decidiu-se que todos os professores deveriam ser Sateré-Mawé. Com essa decisão o povo conseguiu romper o poder de imposição do governo municipal. Muitos professores através do diálogo que tivemos se foram juntando na mesma caminhada: recebiam roteiros de aula da Secretaria Municipal de Educação que abandonavam por não responder a suas necessidades e passavam a trabalhavam como achavam melhor de acordo com a sua realidade. Naquele momento era muito difícil saber quais as pessoas que apoiavam o novo processo, que continuava sendo muito mal visto. Porém, não é errado indicar os professores como os pioneiros e agentes dinamizadores do novo processo. Logo foram chegando as pessoas e organizações que apoiam a causa indígena.

Quais são os objetivos e metodologia da nova proposta pedagógica?

O objetivo da nova proposta é, antes de mais nada, a libertação e transformação da realidade injusta na qual vive submetido nosso povo. A metodologia que está sendo aplicada pelos educadores Mawé é externar os conhecimentos próprios dos educandos Mawé. Nesta metodologia o educador não só dá a resposta, mas sobre tudo provoca perguntas que ajudem ao educando a pesquisar e produzir suas próprias respostas, a questionar e criticar as coisas, etc. Percebemos que só assim se está buscando a verdadeira libertação, autonomia e transformação de nossa realidade.

***“A metodologia ...
é externar os
conhecimentos
próprios dos
educandos Mawé.”***

Qual é a avaliação que faz do X Encontro Pedagógico?

Pude observar que o X Encontro Pedagógico realizado na comunidade do Campo do Miriti (rio Miriti, divisa entre o estado de Amazonas e Pará), despertou nas pessoas Mawé uma outra forma mais transcendente de perceber a própria realidade. É verdade que o Encontro Pedagógico hoje, virou uma escola onde se desenvolve e se organiza melhor a capacidade de ver, ter e conhecer as coisas. Por tanto o X Encontro, assim como os outros encontros pedagógicos, foi um espaço de aprofundamento e crescimento do povo Mawé; um presente que surgiu no meio do povo Sateré-Mawé.

Quais as expectativas para o XI Encontro Pedagógico?

Acredito que vai a ser muito interessante porque do I ao X Encontro, vem acontecendo um despertar de nós como povo Mawé. Cada encontro busca clarear coisas que nunca foram esclarecidas. Então, a minha expectativa, é o fortalecimento da caminhada do povo Sateré-Mawé. Quanto ao tema, vai ficar “Educação Mawé, Medicina Mawé e Sociedade Mawé”. Claro que também vamos ter os temas menores que nortearão os trabalhos na escola. O lugar escolhido pelos participantes no Campo do Miriti para o XI Encontro Pedagógico foi a comunidade Nossa Senhora de Nazaré, sobre o rio Marau. É uma comunidade grande, com capacidade para acolher muita gente. Acredito que o nível de participação vai ser excelente. Desde já o povo começa a falar em participar. Espero que nos juntemos umas 500 pessoas, entre lideranças, catequistas, agentes de saúde, professores, pais de alunos, alunos, etc.

Qual é o seu resumo atual da caminhada e do processo pedagógico que estão levando?

***“As crianças ...
sabem falar e
fazer as coisas...;
sabem o como e o
por quê fazê-las.”***

A escola Sateré-Mawé do Marau esta muito bem avançada em seu processo. Os professores estão tendo acesso aos conhecimentos mais amplos da própria realidade e na realidade do não índio. As crianças estão tendo formas mais práticas de aprender. Sabem falar e fazer as coisas ao mesmo tempo; sabem o como e o por quê fazê-las. As lideranças estão percebendo que se trata de uma questão muito seria... Por isso cada dia nos apoiam mais. A prefeitura, através da Secretaria Municipal de Educação, tem nos dado total apoio na realização deste tipo de trabalho e sabe que estamos trabalhando defendendo a causa indígena.

Qual é o próximo desafio?

Creio que o desafio para os próximos tempos é consolidar este novo processo pedagógico e assim, as escolas também garantam os avanços da sociedade Sateré-Mawé em pé de igualdade com as outras sociedades diferentes da nossa com as quais temos relação.

Quais são os seus sonhos?

Não devemos sentir as coisas como um sonho uma vez que todo o que virá a acontecer já se encontra criado em Tupana (Deus). Eu vejo a realidade da vida como o caminho para o encontro com Tupana. Sem caminhar e sem enxergar a eternidade, fica difícil falar de processo educacional libertador. Não sou nada se faço o projeto de escola, ou de outra coisa, numa direção diferente à libertação e salvação. O povo Mawé sempre buscou e busca ainda o belo. Eu tenho esperança e acredito, já não em mim, porém em meu povo. Tenho certeza de que Tupana existe e está com meu povo Mawé.

***“Eu tenho
esperança e
acredito, já não
em mim, porém
em meu povo.”***

* A Ir. Arizete C.S.A. (Cônegas de Santo Agostinho) e o Pe. Fernando López S.J. (Jesuíta) são membros duma equipe itinerante que trabalha junto aos ribeirinhos, favelados e povos indígenas.
Sede: Rua Castelo Branco, 101 - B. Vitória Régia 69033-230, Manaus -AM.
Fone-fax: (092)625-3721. E-mail: diasjm@amazonet.com.br